

Phil e seu filho Liam
Crédito: Carmem de Barros Correia



PHILIP GUNN

Khaled Ghoubar
Sueli Ramos Schiffer
Csaba Deák
Mário Henrique Simão D'Agostino

FUGINDO DELE PRÓPRIO PARA SI MESMO

Sempre quis sair de casa,
decidida e corajosamente,
como meus ancestrais negros fizeram um dia.

Subir as montanhas,
para ver o que elas espreitam lá de cima,
perto do cenário dos deuses,
engolindo o vento,
acarinhando as nuvens,
aninhando os pássaros,
vertendo água e lava.

Descer os rios
e ver para onde eles levam essa água toda,
esses peixes e folhas a flutuar.

Subir os rios
para ver de onde vem essa água toda
que sem ela todos morreremos.

Correr em direção do Sol nascente
para descobrir de onde ele surge
e vê-lo a puxar o dia atrás de si.

Correr em direção do Sol poente
para descobrir onde ele se esconde
e vê-lo a jogar o manto da noite atrás de si.

A casa paterna
só tinha portas e janelas,
além das frestas nas telhas
e das trincas nas paredes
para ver-se o mundo lá fora
e não só esse in-mundo fechado.

Sair dali era fundamental.
Ser atropelado por um cavalo
seria mais digno
que definhar protegido dentro desse claustro.

Também quis sair do meu corpo,
ser adulto, alto e moreno,
também ser cachorro, pássaro e trator.

Sempre quis ser mais do que eu,
que sempre fui pouco para mim mesmo.

Me reinventava
como as revistas se reinventam todas as semanas,
os jornais todos os dias,
as árvores a cada estação,
e os dias a cada minuto.

Gostava disso quando menino,
mas com medo
e não sabendo lidar com os perigos,
eu fui me esquecendo.

Hoje me lembrei,
e senti saudades
daquele medo e desejo.

Para o Phil

Khaled Ghoubar

Professor do Departamento de Tecnologia da Arquitetura (AUT) e professor orientador do curso de pós-graduação da FAUUSP.

HOMENAGEM AO PHIL

O professor Philip Gunn pertence àquele seletto grupo de acadêmicos insubstituíveis. Arquiteto irlandês que ao desembarcar em São Paulo para fixar residência, em 1974, já trazia na bagagem dois mestrados: na área de arquitetura (Queen University Belfast) e outro em planejamento urbano e regional (University of Edinburgh). Tendo participado de planos regionais em órgãos de planejamento paulista em meados da década de 70, quando a formulação de planos prospectivos encontrava-se no auge, trouxe sua experiência para a graduação da FAUUSP, criando já em 1976, ano de sua contratação como docente, disciplinas optativas relacionadas às técnicas e metodologias aplicadas ao planejamento regional. Passada mais de uma década, introduziu a temática ambiental nos conteúdos didáticos, consolidando trabalhos e pesquisas pioneiros a que se havia, então, dedicado como pesquisador. Fervoroso adepto da interdisciplinaridade, atuou por anos como co-responsável no curso da pós-graduação em disciplinas de outros departamentos da FAUUSP. Assumiu ainda funções de coordenação tanto da ANPUR como da *Revista Espaço & Debates*, atestando sua liderança na abrangente área de estudos urbanos.

Incorporou a temática brasileira com paixão e profundidade – não havia quem não se deslumbrasse diante de sua vasta biblioteca, seleta e devorada – o que inevitavelmente o levou às pesquisas históricas brasileiras. Enveredar-se pelo sertão nordestino e pelas hidroelétricas mais distantes; embrenhar-se em vilas rurais e locais periféricos; obstinar-se na recomposição histórica das vilas operárias; fotografar tudo, estudar, refletir e divulgar os produtos de seu trabalho com orgulho de um desbravador das peculiaridades nacionais, foram seu legado acadêmico. Legado este incorporado pelo ser humano, cujas ações com amigos, orientandos e colegas refletiram sua índole de solidariedade e integridade, como afirmando, a cada gesto, que a construção de uma sociedade mais justa também contempla o cotidiano das relações afetivas.

Permita-me, assim, expressar a saudade coletiva plagiando-o: “OH, NO”, Phil!

Sueli Ramos Schiffer

Professora do Departamento de Tecnologia da Arquitetura (AUT) e professora orientadora do curso de pós-graduação da FAUUSP.

UM INTERLOCUTOR INCANSÁVEL

Esse arquiteto irlandês estava fazendo mestrado em Edimburgo quando conheceu Toshi, nissei brasileira e juntos voltaram ao Brasil. Phil Gunn se tornou um imigrante na época final do “milagre brasileiro”. Começou a trabalhar em um dos últimos grandes planos dessa época, o Projeto Macro-Eixo (Rio-São Paulo), onde nos conhecemos. Alguns anos depois começou a lecionar na FAU, na área de planejamento urbano.

Nessa época fui à Inglaterra para fazer doutorado sobre o preço do solo urbano, e após um ano e meio de trabalho dei-me conta que a teoria econômica que o explicaria, a teoria da renda, não ficava de pé ante a crítica e muito menos explicava o preço do solo. Era uma descoberta, mas me deixou na contingência de ter de retomar a pesquisa praticamente da estaca zero e do isolamento no país estrangeiro; escrevi uma carta de seis páginas a Phil dando conta da situação. Em duas semanas – o tempo de uma carta ir e a outra voltar – recebi dele uma resposta com 22 páginas manuscritas com a letra pequena, quase deitada, mas perfeitamente legível, repleta de comentários, referências, autores, polêmicas e idéias em potencial. Para além da sensação de confiabilidade transmitida pela prontidão de sua resposta, havia o teor informativo que valia bem uns seis meses de pesquisa em uma boa biblioteca. Assim era o Phil.

Alguns anos depois foi minha vez de comentar as penúltimas versões da tese de doutorado *dele* e tive de enfrentar a riqueza de suas abordagens que iam do conceito de espaço-tempo à formação do território paulista, transitando por autores de Kant a Marx e Althusser, e de Mário de Andrade a Simonsen e Chico de Oliveira.

Era um interlocutor incansável de uma erudição excepcional. Por uma década, a partir dos meados de 1980, participou da coletiva editorial do *Espaço & Debates*, ajudando a mapear idéias, escolas de pensamento, paradigmas e tendências de urbanismo, sendo também ativo na ANPUR e na BISS – na época, uma janela do Brasil para o exterior em matéria de planejamento. Sem suspender sua assinatura – ou a leitura – da *New Left Review*, embrenhava-se pelos cantos e recônditos da história e da geografia do Brasil, continuando, sistematicamente, a explorar as minúcias de áreas tão diferentes quanto a concepção urbanística de Frank Lloyd Wright, a aventura de Farqhar na Madeira-Mamoré e as relações sindicalistas dos trabalhadores rurais do “sertão” [*sic*] baiano.

Não é de admirar que tenha se tornado um dos professores e orientadores mais respeitados de pós-graduação do Brasil.

Era também um grande amigo.

Csaba Deák

Professor do Departamento do Projeto (AUP) e professor orientador do curso de pós-graduação da FAUUSP.

AÇO DE BOA TÊMPERA

A voz ao telefone dispensava apresentações: *Mário, preciso de sua ajuda...* Philip Gunn, meu orientador de mestrado (e posteriormente doutorado) neste Programa de Pós-Graduação, pedia auxílio na revisão ortográfica de sua tese de livre-docência. Integrando verdadeira “equipe” familiar, trabalhamos por todo o final de semana. A certa altura, é bem verdade, fiz-lhe breve comentário sobre um ou dois parágrafos que acabara de ler – falávamos de Hegel, lembro-me bem. Para minha surpresa (e desespero dos demais), ele começou, então, a expor minuciosamente, com o ímpeto próprio de um apaixonado pelo que fazia, as razões que o motivavam àqueles juízos, interpelando-me, de tempo em tempo, sobre o exposto. Dada a urgência da revisão e a disparidade intelectual entre os interlocutores, confesso meu desconcerto momentâneo; mas ali estava em tela seu compromisso com uma idéia. Esse era o Phil! E conosco, seus orientados, compartilhou longas e densas tardes de estudo; um entusiástico pelas “conquistas”, e não menos fervoroso com as “críticas”. Professor do Departamento de Tecnologia da Arquitetura, pesquisador implacável dos mecanismos político-econômicos de gestão do território, de seus agentes sociais e das modalidades diferenciadas de acumulação/reprodução do capital, em meados dos anos 80 passou a orientar mestrados sobre história do urbanismo, sobre as idéias (e ideais) veiculadas pelos arquitetos urbanistas em seus projetos urbanos. Foi nessa ocasião que o conheci, e tenho vivas as inflamadas discussões em sua casa: sobre o jovem Marx (com Cibele Risek, realmente inesquecível!), Thompson, Braudel, Le Goff e a *École des Annales*, dentre outros autores. Em diálogo franco com críticos – marxistas ou não – do estruturalismo marxista, seus olhos divisavam um alargamento e reavaliação do campo cultural, imprescindível ao estudo das tramas sociais e suas formas diferenciadas de poder. Tal interesse permeou boa parte de seus trabalhos historiográficos, e, convém frisar, seu humanismo “sem fronteiras” – a estender-se da Broadacre City de Frank Lloyd Wright ao Bello Monte de Antônio Conselheiro, dos sistemas de CAD/CAM às imagens renascentistas da cidade como corpo (e às vezes, ainda, surpreendia-nos com belíssimas fotografias, seu *hobby* ou ocupação complementar). O bom historiador, dizia Marc Block, é como o Ogro: “*ali onde fareja carne humana, sabe que está a sua presa*”. No caso de Philip Gunn, as inspeções perseguiram formas espaciais de dominação e controle, mormente as que davam sustentabilidade ao capitalismo. Seu apetite era de fato insaciável: missões jesuíticas, arquitetura militar e controle do território no Brasil Colonial, dispositivos panópticos, eugenismo, *company towns*... A fatura dos temas, no entanto, não denotava um “ensaísta” voraz; antes, um investigador de “ortodoxia” rara entre nós. Para a historiografia seu legado é incontestado. Somente em 2003 Philip Gunn se integrou à área de concentração de História e Fundamentos da Arquitetura e do Urbanismo. Memoráveis as suas considerações sobre orientação e pesquisa, proferidas no simpósio inaugural da área (v. *Revista Desígnio*, n. 2). Crítico contumaz dos órgãos oficiais de avaliação

dos programas de pós-graduação e das instituições de fomento à pesquisa, arrancou risos da platéia com sua “moto Harley-Davidson”, metáfora com a qual enfrentou um tema que, discutido em termos puramente objetivos, “vira[va] uma coisa muita chata”. Junto da área de História também organizou, em 2004, um simpósio sobre *company towns*, presidido por Maria Irene Szmrecsanyi. Infelizmente, o destino ceifou outras perspectivas promissoras de colaboração. Finalizo este retrato pessoal avivando duas imagens que são para mim reveladoras do caráter e grandeza de espírito do Phil: sua “irreverência acadêmica” – uma irreverência de *scholar*, um baluarte em defesa do livre pensamento –, e claro, sua total familiaridade com nossa gente.

Mário Henrique Simão D’Agostino

Professor do Departamento de História da Arquitetura e Estética do Projeto (AUH) e professor orientador do curso de pós-graduação da FAUUSP.